https://doi.org/10.62987/3wd27x07

REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NOVA TERRA

Narrativas negras na literatura infantil: um estudo sobre *A Bonequinha Preta*

José Emerson Souza Santos
Universidade de Pernambuco (UPE). Pedagogo. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-7258-0320. E-mail: emerson.souzas@upe.br.

Camila Ferreira da Silva
Universidade de Pernambuco (UPE). Doutora em Educação. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0831-9086. E-mail: camila.fsilva@upe.br.

Resumo: Este artigo analisa os lugares e os papéis atribuídos à personagem negra na obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa, com o objetivo de compreender como a narrativa constrói representações da personagem negra na literatura infantil. Fundamentado nos Estudos Pós-Coloniais, o trabalho adota uma abordagem qualitativa e utiliza a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), por meio da análise temática, aplicada ao texto e às ilustrações da obra. A análise permitiu a identificação de três categorias centrais: identidade, fenótipo e branquitude. Os resultados evidenciam que a protagonista preta é representada de forma reduzida a características físicas e associada a um papel de obediência, reproduzindo lógicas coloniais presentes nas produções culturais destinadas à infância. Conclui-se que a representação da personagem é ambígua, pois, ao mesmo tempo em que lhe confere visibilidade e protagonismo, reforça relações de subordinação e dependência em relação à figura branca, contribuindo para a manutenção de representações racializadas na literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Personagem negra. Colonialidade. Representação racial.

Black narratives in children's literature: a study of *A Bonequinha Preta*

Abstract: This article analyzes the places and roles attributed to the Black character in *A Bonequinha Preta*, by Alaíde Lisboa, with the aim of understanding how the narrative constructs representations of Black characters in children's literature. Grounded in Postcolonial Studies, the research adopts a qualitative approach and employs content analysis, based on Laurence Bardin's thematic analysis, applied to both the text and the illustrations of the work. The analysis identified three central categories: identity, phenotype, and whiteness. The findings reveal that the Black protagonist is represented primarily through physical characteristics and associated with a role of obedience, reproducing colonial logics embedded in cultural productions intended for children. It is concluded that the character's representation is ambiguous, since, while granting her visibility and protagonism, it simultaneously reinforces relations of subordination and dependence on the White character, contributing to the maintenance of racialized representations in children's literature.

Keywords: Children's literature. Black character. Coloniality. Racial representation.

Narrativas negras en la literatura infantil: un estudio sobre *A Bonequinha Preta*

Resumen: Este artículo analiza los lugares y los papeles atribuidos al personaje negro en la obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa, con el objetivo de comprender cómo la narrativa construye representaciones del personaje negro en la literatura infantil. Basado en los Estudios Poscoloniales, el trabajo adopta un enfoque cualitativo y utiliza el análisis de contenido propuesto por Laurence Bardin mediante el análisis temático, aplicado al texto y a las ilustraciones de la obra. El análisis permitió identificar tres categorías centrales: identidad, fenotipo y blanquitud. Los resultados muestran que la protagonista negra es representada de manera reducida a sus características físicas y asociada a un papel de obediencia, reproduciendo lógicas coloniales presentes en las producciones culturales destinadas a la infancia. Se concluye que la representación del personaje es ambigua, ya que, al mismo tiempo que le otorga visibilidad y protagonismo, refuerza relaciones de subordinación y dependencia con respecto a la figura blanca, contribuyendo al mantenimiento de representaciones racializadas en la literatura infantil.

Palabras clave: Literatura infantil. Personaje negro. Colonialidad. Representación racial.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os lugares e os papéis atribuídos à personagem negra na obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa, a partir da perspectiva dos Estudos Pós-Coloniais. A escolha da obra como objeto de estudo justifica-se por sua relevância na literatura infantil brasileira, especialmente por apresentar uma personagem negra em posição de destaque na narrativa. Mais do que uma história destinada ao público infantil, *A Bonequinha Preta* possibilita refletir sobre a presença e as representações de personagens negras nas produções culturais direcionadas à infância no Brasil.

A literatura infantil ocupa lugar fundamental na formação identitária e social das crianças. Por meio das histórias, personagens e ilustrações, os pequenos leitores constroem compreensões sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que os cerca. Nesse processo, as representações étnico-raciais assumem papel significativo, pois podem tanto reforçar estereótipos e hierarquias historicamente construídas quanto contribuir para a valorização da diversidade e para a desconstrução de perspectivas racistas.

Publicada inicialmente em 1938, *A Bonequinha Preta* apresenta uma boneca negra como

personagem principal da narrativa, aspecto que evidencia a presença de sujeitos negros na literatura infantil brasileira em um período marcado pela limitada representação da população negra em produções culturais voltadas à infância. Entretanto, a presença de uma personagem negra não implica, necessariamente, uma representação livre de estereótipos ou de marcas da colonialidade. Nesse sentido, torna-se necessário analisar criticamente como personagens negras são construídas nas obras que circulam em espaços educativos, bibliotecas e contextos familiares.

As representações culturais, incluindo aquelas destinadas ao público infantil, são atravessadas por relações históricas de poder e produção de sentidos. A colonialidade, compreendida como permanência de estruturas e lógicas coloniais nos modos de pensar, representar e organizar as relações sociais, também se manifesta nos discursos culturais. A literatura infantil, portanto, não é neutra ou desprovida de intencionalidades, podendo reproduzir ou tensionar determinadas formas de representação. Nesse sentido, os Estudos Pós-Coloniais oferecem contribuições importantes para compreender como marcas do colonialismo e da colonialidade permanecem presentes nos discursos culturais, influenciando a construção das identidades e as formas de representação do outro.

Diante disso, esta pesquisa buscou compreender os sentidos atribuídos à personagem negra em *A Bonequinha Preta*, contribuindo para reflexões acerca da literatura infantil e da educação para as relações étnico-raciais. A análise crítica das representações de personagens negras em obras destinadas à infância constitui um caminho importante para problematizar estereótipos e ampliar possibilidades de práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista.

Assim, o problema que orientou este estudo foi: quais lugares e papéis são atribuídos à personagem negra na obra *A Bonequinha Preta* e de que maneira essas representações podem ser problematizadas no contexto da educação para as relações étnico-raciais na infância? O objetivo geral consistiu em analisar os lugares e os papéis atribuídos à personagem negra na obra *A Bonequinha Preta*, discutindo seus significados no contexto da literatura infantil e da

educação para as relações étnico-raciais.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza documental, tendo como corpus a obra *A Bonequinha Preta*. O texto e as imagens que compõem a narrativa foram analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), utilizando a análise temática como procedimento de organização e interpretação dos dados. O referencial teórico dos Estudos Pós-Coloniais orientou a leitura crítica da obra, considerando os aspectos históricos, culturais e educacionais envolvidos nas representações construídas sobre a personagem negra.

Além desta introdução, o artigo está organizado em quatro seções. Inicialmente, apresenta-se a discussão teórica fundamentada nos Estudos Pós-Coloniais, abordando conceitos que contribuem para a compreensão das representações negras na literatura infantil. Em seguida, são apresentados os caminhos metodológicos da pesquisa. Posteriormente, desenvolve-se a análise dos dados produzidos a partir da obra *A Bonequinha Preta*, discutindo os sentidos atribuídos à personagem negra na narrativa. Por fim, apresentam-se as considerações finais, retomando os principais resultados do estudo e suas contribuições para a educação das relações étnico-raciais.

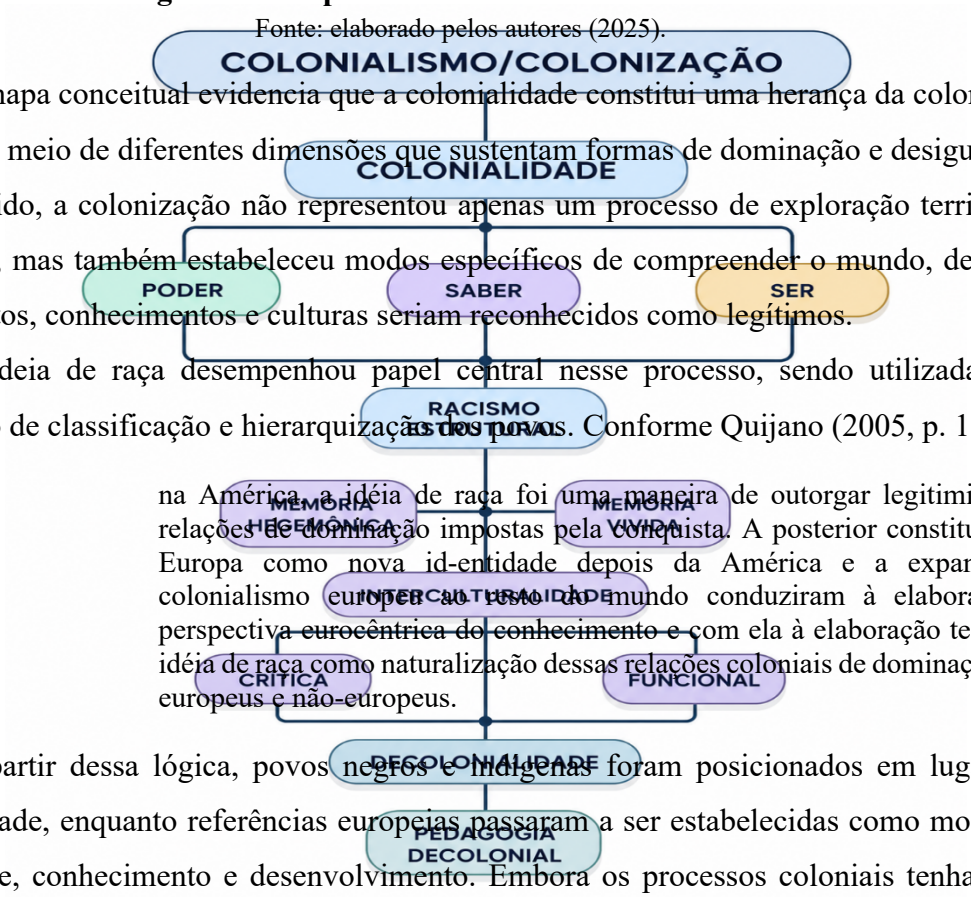
Estudos pós-coloniais e as representações negras na literatura infantil

Os Estudos Pós-Coloniais constituem o eixo teórico que fundamenta esta pesquisa, possibilitando compreender como as marcas históricas da colonização permanecem presentes nas estruturas sociais, culturais e educacionais contemporâneas. Essa perspectiva contribui para analisar de que modo determinadas representações são construídas, legitimadas ou silenciadas, especialmente aquelas relacionadas aos sujeitos negros e às formas como são apresentados nas produções culturais destinadas à infância.

A colonialidade, compreendida como permanência das lógicas coloniais após o fim dos processos formais de colonização, manifesta-se nas dimensões do poder, do saber e do ser. Essas dimensões articulam-se na produção de hierarquias sociais e na manutenção de padrões

que privilegiam referências eurocêntricas como universais. Para melhor visualizar a articulação entre os principais conceitos que atravessam esse debate, apresenta-se a seguir um mapa conceitual que organiza as noções centrais deste referencial teórico.

Figura 1 – Mapa conceitual dos Estudos Pós-Coloniais



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

O mapa conceitual evidencia que a colonialidade constitui uma herança da colonização e opera por meio de diferentes dimensões que sustentam formas de dominação e desigualdade. Nesse sentido, a colonização não representou apenas um processo de exploração territorial e econômica, mas também estabeleceu modos específicos de compreender o mundo, definindo quais sujeitos, conhecimentos e culturas seriam reconhecidos como legítimos.

A ideia de raça desempenhou papel central nesse processo, sendo utilizada como mecanismo de classificação e hierarquização das pessoas. Conforme Quijano (2005, p. 118):

> na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus.

A partir dessa lógica, povos negros e indígenas foram posicionados em lugares de subalternidade, enquanto referências europeias passaram a ser estabelecidas como modelo de humanidade, conhecimento e desenvolvimento. Embora os processos coloniais tenham sido formalmente encerrados, suas estruturas permaneceram reorganizadas em novas formas de dominação, constituindo o que autores como Mignolo (2017) denominam colonialidade.

A colonialidade do poder refere-se à organização das relações sociais a partir de hierarquias construídas historicamente, especialmente aquelas fundamentadas na classificação racial. Essa lógica atravessa diferentes campos da vida social, incluindo a cultura e a educação, influenciando os modos pelos quais determinados grupos são representados e reconhecidos. Nesse sentido, Quijano (2005) evidencia que a modernidade se constituiu a partir de uma

perspectiva eurocêntrica, na qual o sujeito europeu foi estabelecido como referência universal, enquanto outros povos foram inferiorizados e considerados objetos de intervenção e controle.

Associada à colonialidade do poder, a colonialidade do saber manifesta-se pela imposição de epistemologias eurocentradas como parâmetro de validação do conhecimento. Os saberes produzidos por povos historicamente colonizados foram frequentemente deslegitimados, reduzidos a práticas inferiores ou excluídos dos espaços formais de produção do conhecimento. Como afirma Quijano (2005, p. 121), "como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento".

Essa dimensão da colonialidade interfere diretamente na construção das memórias sociais, pois estabelece quais narrativas serão preservadas e quais serão marginalizadas. A memória hegemônica, nesse contexto, atua na seleção de representações consideradas legítimas, frequentemente privilegiando perspectivas brancas e eurocêntricas. Em contraposição, a memória vivida possibilita a emergência de experiências e saberes produzidos por sujeitos historicamente silenciados.

Nessa direção, Silva, Botelho e Silva (2024) discutem como a construção de uma justiça curricular exige o reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e a valorização de experiências produzidas por sujeitos subalternizados. As autoras destacam:

> este movimento de ruptura nos permite afirmar a possibilidade de construção da justiça curricular que se firma na valorização positiva dos saberes da exterioridade colonial, aliado à promoção de aprendizagens libertadoras, compreendendo uma educação antirracista como um caminho, uma construção possível aqui e agora. (Silva; Botelho; Silva, 2024, p. 238).

A colonialidade do ser, por sua vez, relaciona-se à produção de subjetividades marcadas pela hierarquia racial e pela negação da plena humanidade dos sujeitos colonizados. Esse processo interfere na forma como determinados grupos são percebidos e representados, produzindo imagens sociais que associam sujeitos negros a lugares de inferiorização,

dependência ou ausência de protagonismo.

Dessa forma, o racismo estrutural pode ser compreendido como uma manifestação das permanências coloniais nas relações sociais, institucionais e culturais. Ele não se restringe a ações individuais discriminatórias, mas constitui uma estrutura que organiza oportunidades, reconhecimentos e formas de representação. No campo da literatura infantil, essa discussão torna-se fundamental, pois as narrativas destinadas às crianças participam da construção de imaginários sobre identidade, diferença e pertencimento.

Nesse contexto, a interculturalidade apresenta-se como uma possibilidade de enfrentamento das estruturas coloniais, desde que compreendida para além de uma perspectiva superficial de valorização da diversidade. Walsh (2009) diferencia a interculturalidade funcional, que reconhece diferenças sem questionar as desigualdades históricas, da interculturalidade crítica, que problematiza as relações de poder responsáveis pela produção das hierarquias sociais. Segundo a autora, “o interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais; a interculturalidade crítica, pelo contrário, é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização” (Walsh, 2009, p. 21-22).

A interculturalidade crítica aproxima-se, portanto, da perspectiva decolonial ao questionar padrões estabelecidos como universais e defender a legitimidade de outros modos de saber, ser e existir. Para Mignolo (2008), a desobediência epistêmica constitui uma prática fundamental nesse processo, pois rompe com a centralidade exclusiva do conhecimento eurocêntrico e possibilita a valorização de epistemologias historicamente silenciadas. Conforme o autor, “a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (Mignolo, 2008, p. 290).

No campo educacional, essa perspectiva implica repensar currículos, materiais didáticos e práticas pedagógicas, questionando quais sujeitos são representados e quais permanecem invisibilizados. Nesse sentido, a literatura infantil configura-se como espaço de

disputa de sentidos, uma vez que as narrativas literárias podem tanto reproduzir estereótipos quanto possibilitar outras formas de representação.

Assim, analisar uma obra como *A Bonequinha Preta* exige compreender que a presença de uma personagem negra não garante, por si só, uma representação comprometida com a valorização da diversidade racial. É necessário investigar os lugares atribuídos a essa personagem, os sentidos construídos sobre sua identidade e as relações de poder presentes na narrativa. Sob essa perspectiva, a análise literária constitui-se como possibilidade de questionamento das marcas da colonialidade e de construção de práticas educativas comprometidas com uma educação antirracista.

Percurso metodológico

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza documental, tendo como objeto de análise a obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa. Partiu-se do entendimento de que as representações da personagem negra presentes na narrativa se articulam a contextos históricos, culturais e sociais, exigindo uma investigação de caráter interpretativo que possibilitasse compreender os sentidos produzidos pelo texto e pelas ilustrações da obra.

A pesquisa documental foi escolhida por possibilitar a análise de materiais que ainda podem ser reinterpretados à luz de novos problemas investigativos. Diferentemente da pesquisa bibliográfica, que se fundamenta nas contribuições produzidas por diferentes autores acerca de determinado tema, a pesquisa documental toma como corpus documentos que ainda não receberam tratamento analítico específico ou que podem ser revisitados conforme os objetivos da investigação. Conforme Gil (2002, p. 46),

> a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Nesse sentido, a obra *A Bonequinha Preta* constituiu o corpus documental desta

pesquisa, por apresentar elementos textuais e imagéticos que possibilitaram analisar as representações atribuídas à personagem negra no contexto da literatura infantil brasileira. A escolha da obra também considerou sua relevância para as discussões sobre educação das relações étnico-raciais e representatividade na literatura destinada à infância.

Para a organização e interpretação dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo, na modalidade análise temática, proposta por Laurence Bardin (2016). Esse procedimento metodológico possibilitou a organização sistemática das informações presentes no texto e nas ilustrações, favorecendo a identificação de categorias de análise relacionadas ao objetivo da pesquisa. Conforme a autora, "as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação" (Bardin, 2016, p. 125).

Na fase de pré-análise realizou-se a leitura flutuante da obra, permitindo o contato inicial com o corpus e a organização das primeiras impressões analíticas. Em seguida, procedeu-se à exploração do material por meio da codificação e da identificação de elementos narrativos, linguísticos e visuais relacionados às representações da personagem negra. Por fim, os dados foram submetidos ao tratamento dos resultados, à inferência e à interpretação, etapa em que as categorias construídas foram articuladas ao referencial teórico dos Estudos Pós-Coloniais, possibilitando compreender os sentidos atribuídos à personagem negra na narrativa.

A análise foi desenvolvida de forma integrada, considerando tanto a linguagem verbal quanto os elementos imagéticos presentes na obra, uma vez que ambos participam da construção das representações sociais e raciais destinadas ao público infantil. Esse procedimento permitiu identificar recorrências, relações e significados que extrapolam o conteúdo manifesto da narrativa, evidenciando aspectos simbólicos relacionados à colonialidade, às representações raciais e às possibilidades de problematização da obra no âmbito da educação para as relações étnico-raciais.

Desse processo analítico emergiram três categorias temáticas: *identidade*, *fenótipo* e *branquitude*, construídas a partir da recorrência dos elementos observados no corpus e

interpretadas à luz dos Estudos Pós-Coloniais. Essas categorias orientaram a discussão apresentada na seção seguinte, permitindo compreender de que maneira a narrativa produz sentidos acerca da personagem negra e quais implicações essas representações assumem para a literatura infantil e para as práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista.

Identidade, fenótipo e branquitude: análise das representações da personagem negra em *A Bonequinha Preta*

A análise do corpus documental concentrou-se na obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa (2004), buscando compreender de que maneira as representações construídas na narrativa verbal e imagética dialogam com as categorias analíticas *identidade, fenótipo* e *branquitude*, interpretadas à luz dos Estudos Pós-Coloniais. As categorias emergiram da análise temática desenvolvida sobre o corpus e foram organizadas para fins analíticos. Embora apresentadas separadamente, articulam-se entre si e permitem compreender como a narrativa produz sentidos acerca da personagem negra, evidenciando permanências da colonialidade na literatura infantil.

Identidade: entre o protagonismo e a subalternidade

A identidade, conforme discute Quijano (2005), não constitui uma construção natural, mas resulta de relações históricas de poder atravessadas pela colonialidade, que classificam sujeitos e produzem hierarquias raciais. Essa compreensão dialoga com Silva, Botelho e Silva (2024), ao evidenciarem como a memória hegemônica contribui para legitimar narrativas que privilegiam a supremacia branca e silenciam identidades historicamente subalternizadas.

As Figuras 2 e 3 evidenciam que a identidade da Bonequinha Preta é construída a partir

Figura 02: Apresentação da personagem Bonequinha Preta

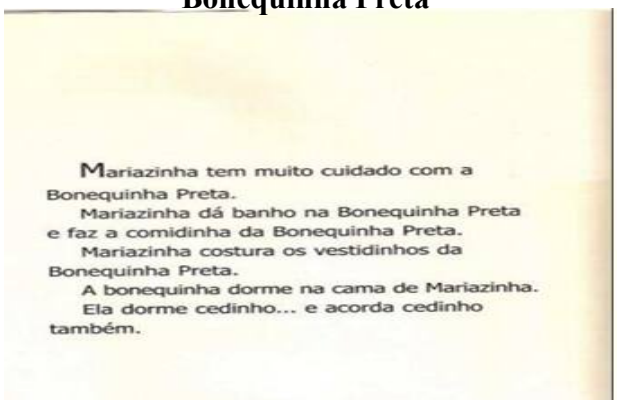
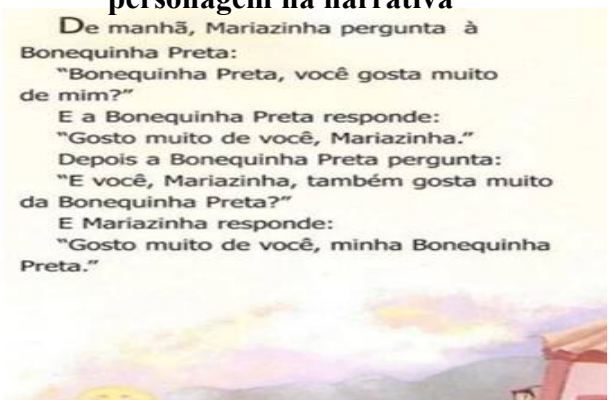


Figura 03: Reiteração da identidade da personagem na narrativa



com a menina branca, sem que lhe sejam atribuídos desejos, saberes, história ou iniciativas próprias.

Chama atenção, ainda, que a personagem não possui nome próprio: é identificada pela cor e pela condição de boneca, designação que reúne em si o objeto e o marcador racial. Nomeada a partir da cor e apresentada como pertencente a outra personagem, a protagonista tem sua identidade definida de fora para dentro, o que dialoga com a crítica de Quijano (2005) à classificação racial como mecanismo de atribuição de lugares sociais.

Nessa perspectiva, a narrativa reproduz o que Silva, Botelho e Silva (2024) identificam como operação da memória hegemônica: a presença negra é admitida, mas subordinada a um referencial branco que organiza o enredo e confere sentido à existência da personagem. O protagonismo anunciado no título convive, assim, com uma identidade relacional e dependente, aspecto que se aprofunda na análise do fenótipo, apresentada a seguir.

Fenótipo: o corpo negro como marcador da diferença

O fenótipo constituiu-se como uma categoria central da análise por evidenciar a maneira como a narrativa constrói a personagem negra a partir de marcadores físicos. Conforme Quijano (2005), a classificação racial produzida pela colonialidade utilizou características fenotípicas como critérios de diferenciação e hierarquização social, processo que permanece reproduzido em diferentes manifestações culturais.

As Figuras 4 e 5 evidenciam que a caracterização da Bonequinha Preta privilegia quase exclusivamente traços físicos da personagem, é [illegible]

Figura 04: Representação visual da cor e dos traços físicos da Bonequinha Preta



Fonte: Lisboa (2004, p. 4).

Figura 05: O corpo negro como marcador da diferença na narrativa infantil



Fonte: Lisboa (2004, p. 5).

negritude de um objeto cuja função está vinculada ao consumo pelo fogo. Diferentemente de outras metáforas frequentemente utilizadas para valorizar a cor negra, essa escolha discursiva tende a reforçar imaginários historicamente associados à inferiorização dos corpos negros. Nessa perspectiva, a narrativa reproduz mecanismos sutis da matriz colonial de poder discutida por Mignolo (2008), ao naturalizar representações construídas sob referenciais eurocêntricos.

Essa forma de representação também dialoga com a discussão proposta por Silva, Botelho e Silva (2024), ao evidenciarem que a memória hegemônica opera por meio da naturalização de padrões considerados legítimos, tornando invisíveis outras possibilidades de representação. Assim, o corpo negro passa a ser compreendido prioritariamente como diferença, exotização ou exterioridade, em detrimento de uma construção identitária positiva.

Sob essa perspectiva, a narrativa não apenas descreve a personagem, mas produz sentidos acerca do corpo negro que reforçam permanências da colonialidade. Conforme Walsh (2009), trata-se de uma lógica compatível com a interculturalidade funcional, na qual a presença da diferença não implica questionamento das estruturas de poder que sustentam as desigualdades raciais. Para além da construção fenotípica da personagem, a narrativa estabelece relações hierárquicas entre os sujeitos representados, aspecto discutido na categoria seguinte.

Branquitude: autoridade, tutela e hierarquias raciais na narrativa infantil

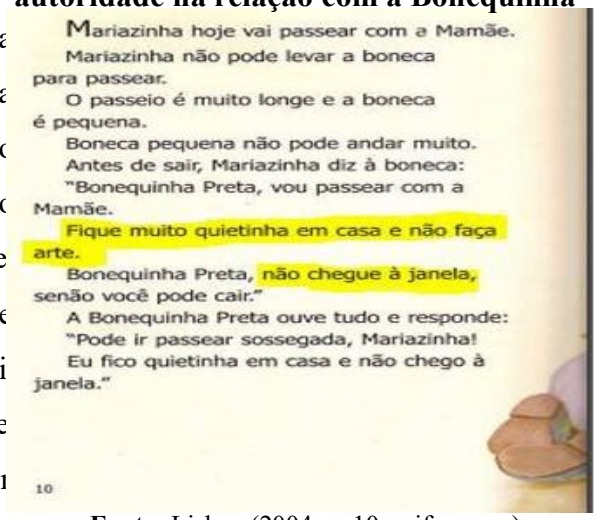
A categoria branquitude possibilitou compreender como as relações entre as personagens reproduzem posições historicamente construídas de autoridade e subalternidade. Conforme Silva, Botelho e Silva (2024), a branquitude estrutura privilégios que se articulam à memória hegemônica, mantendo o sujeito branco como referência de humanidade e de legitimidade social.

Nesse sentido, a análise da narrativa permite observar como determinados lugares de poder, cuidado e orientação são atribuídos às personagens brancas, enquanto à personagem negra são reservados espaços de dependência e tutela. A branquitude opera, portanto, não apenas pela presença do sujeito branco, mas pela naturalização de padrões sociais que definem

quem ocupa posições de autoridade e quem necessita de mediação.

As Figuras 6 e 7 evidenciam que Mariazinha ocupa uma posição de autoridade na

Figura 06: Mariazinha como figura de autoridade na relação com a Bonequinha


Mariazinha hoje vai passear com a Mamãe.
Mariazinha não pode levar a boneca para passear.
O passeio é muito longe e a boneca é pequena.
Boneca pequena não pode andar muito.
Antes de sair, Mariazinha diz à boneca:
"Bonequinha Preta, vou passear com a Mamãe.
Fique muito quietinha em casa e não faça arte.
Bonequinha Preta, não chegue à janela, senão você pode cair."
A Bonequinha Preta ouve tudo e responde:
"Pode ir passear sossegada, Mariazinha!
Eu fico quietinha em casa e não chego à janela."
10

Fonte: Lisboa (2004, p. 10, grifo nosso).

Figura 07: A construção da hierarquia entre a personagem branca e a personagem negra



Fonte: Lisboa (2004, p. 11).

na
da
do
do
re
de
di
se
li

A narrativa também atribui às personagens brancas o papel de referência moral e de resolução dos conflitos. Mariazinha representa a figura cuidadora, enquanto o verdureiro surge como responsável por solucionar o desaparecimento da bonequinha. Desse modo, a narrativa reforça a associação entre branquitude, legitimidade e capacidade de intervenção, mantendo o sujeito branco como referência de orientação e solução.

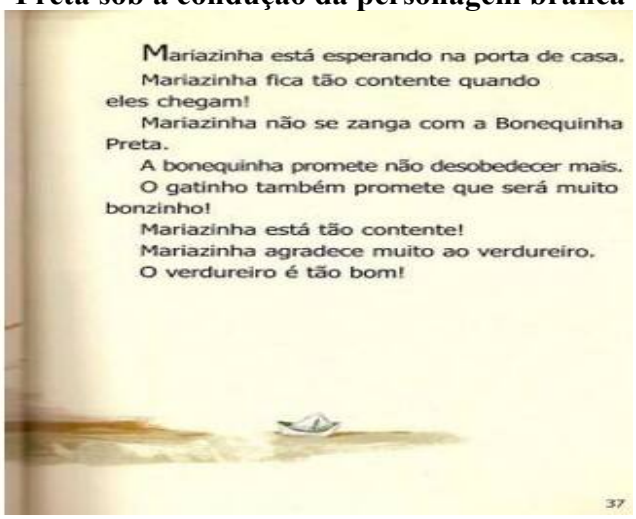
As Figuras 8 e 9 reforçam essa construção simbólica. O verdureiro conduz o reencontro

Figura 08: O verdureiro como mediador da resolução do conflito narrativo



Fonte: Lisboa (2004, p. 26).

Figura 09: O reencontro da Bonequinha Preta sob a condução da personagem branca


Mariazinha está esperando na porta de casa.
Mariazinha fica tão contente quando eles chegam!
Mariazinha não se zanga com a Bonequinha Preta.
A bonequinha promete não desobedecer mais.
O gatinho também promete que será muito bonzinho!
Mariazinha está tão contente!
Mariazinha agradece muito ao verdureiro.
O verdureiro é tão bom!
37

Fonte: Lisboa (2004, p. 37).

e
A
l
c
a
d
c

narrativa, mas materializam formas de funcionamento da branquitude, sustentadas pela memória hegemônica e pela colonialidade do poder. Sob a aparência da inocência própria da literatura infantil, a narrativa reafirma relações de autoridade que mantêm o sujeito branco como referência de legitimidade e o sujeito negro como destinatário de cuidado, tutela e controle.

Em conjunto, as categorias *identidade, fenótipo* e *branquitude* evidenciaram que a representação da Bonequinha Preta é marcada por permanências da colonialidade, que operam tanto no texto quanto nas ilustrações da obra. Embora a narrativa atribua protagonismo à personagem negra, sua construção permanece atravessada por processos de apagamento cultural, subalternização e hierarquização racial. Esses resultados reforçam a necessidade de uma leitura crítica da obra, especialmente em contextos educativos comprometidos com a educação para as relações étnico-raciais e com a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

Considerações finais

Este estudo analisou os lugares e os papéis atribuídos à personagem negra na obra *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa, buscando compreender como essas representações se configuram no contexto histórico, cultural e social da literatura infantil brasileira. A escolha da obra justificou-se por sua relevância simbólica na presença de uma protagonista negra na literatura infantil, possibilitando refletir sobre os modos pelos quais a negritude é construída e representada em produções culturais destinadas à infância.

A abordagem teórico-metodológica dos Estudos Pós-Coloniais mostrou-se fundamental para problematizar as construções presentes na narrativa, permitindo identificar permanências da colonialidade e de hierarquias raciais em uma obra voltada ao público infantil. A análise evidenciou que as dimensões da colonialidade do poder e do ser atravessam a representação da Bonequinha Preta, especialmente pela centralidade atribuída à sua aparência física e pela posição de dependência estabelecida em relação às personagens brancas. Além disso, a memória hegemônica revelou-se presente na reprodução de sentidos que associam a

branquitude a lugares de autoridade, legitimidade e referência social.

O percurso metodológico, fundamentado na análise de conteúdo, por meio da análise temática proposta por Bardin (2016), possibilitou identificar os sentidos produzidos pelo texto e pelas ilustrações da obra. As etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados contribuíram para a organização das categorias analíticas e para a compreensão das relações simbólicas construídas na narrativa. A escolha do corpus mostrou-se adequada aos objetivos da pesquisa, permitindo problematizar como a literatura infantil participa da construção de imaginários sobre identidade, diferença e pertencimento racial.

As categorias *identidade*, *fenótipo* e *branquitude* evidenciaram aspectos centrais da representação da personagem negra em *A Bonequinha Preta*. Na categoria *identidade*, observou-se que, embora a personagem ocupasse posição de protagonismo na narrativa, sua construção permaneceu limitada à dimensão da aparência e ao papel de submissão diante da personagem branca, sem a presença de elementos que valorizassem sua subjetividade, cultura ou autonomia.

A categoria *fenótipo* evidenciou que os traços físicos atribuídos à personagem funcionaram como marcadores centrais de sua identificação, reforçando uma representação do corpo negro atravessada por processos históricos de classificação e diferenciação racial. A análise demonstrou que a ênfase nos atributos corporais contribuiu para a produção de sentidos que reduzem a personagem à sua aparência, reproduzindo marcas da colonialidade presentes nas formas de representação do sujeito negro.

Por sua vez, a categoria *branquitude* revelou como as relações entre as personagens foram organizadas a partir de posições hierárquicas de autoridade e dependência. Mariazinha e o verdureiro foram apresentados como figuras associadas ao cuidado, à orientação e à resolução dos conflitos, enquanto a Bonequinha Preta permaneceu vinculada a uma posição de tutela. Dessa forma, a narrativa reforçou lugares sociais nos quais o sujeito branco ocupa a condição de referência e legitimidade, enquanto o sujeito negro é representado a partir da necessidade de mediação e condução pelo outro.

Em conjunto, os resultados evidenciaram que a obra apresenta uma representação ambígua da personagem negra: ao mesmo tempo em que possibilita visibilidade por meio da presença de uma protagonista negra, mantém elementos simbólicos que reproduzem relações de subalternização, dependência e hierarquização racial. A análise demonstrou que a presença de personagens negras na literatura infantil não garante, por si só, representações comprometidas com a valorização da diversidade racial, sendo necessário observar os lugares, papéis e sentidos atribuídos a esses sujeitos nas narrativas.

Nesse sentido, a pesquisa reforçou a importância de uma leitura crítica e decolonial da literatura infantil, especialmente em contextos educativos comprometidos com a educação para as relações étnico-raciais. A problematização dessas representações contribui para a construção de práticas pedagógicas que valorizem identidades negras plurais, reconhecendo crianças negras como sujeitos de história, cultura e pertencimento.

Como possibilidades para estudos futuros, destaca-se a ampliação das investigações para outras obras da literatura infantil brasileira, analisando como personagens negras são construídas e quais sentidos são produzidos sobre suas identidades e experiências. Também se evidencia a necessidade de desenvolver propostas pedagógicas decoloniais que utilizem a literatura infantil como espaço de reflexão, questionamento de estereótipos e construção de uma educação antirracista.

Assim, o estudo reafirmou que a literatura infantil constitui um campo de disputa de sentidos, no qual representações podem tanto reproduzir marcas da colonialidade quanto contribuir para sua problematização. A análise de *A Bonequinha Preta* evidenciou a necessidade de ampliar a produção e a circulação de narrativas que valorizem a pluralidade das experiências negras, promovendo representações comprometidas com a dignidade, a autonomia e a valorização das identidades negras na infância.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LISBOA, Alaíde. **A Bonequinha Preta**. Ilustrações de Ana Raquel. São Paulo: Lê, 2004.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017. DOI: https://doi.org/10.17666/329402/2017.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SILVA, Camila Ferreira da; BOTELHO, Denise Maria; SILVA, Janssen Felipe da. Feminismo negro: tensionando interseccionalidades no currículo escolar. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 14, n. 3, p. 12-29, 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009. p. 12-42.